

ESTADO DE MATO GROSSO



# DIÁRIO OFICIAL

SUPLEMENTO MENSAL

administração: governo *Wilmar Peres de Farias*

ANO I — CUIABÁ —

QUINTA FEIRA, 04 DE DEZEMBRO DE 1.986.

— Nº 5

## SUMÁRIO

MEMÓRIA PALAVRA DA MODA, por Octayde Jorge da Silva - Página 2.

O VELHO DO MORRO DO TAMBOR, por Marta de Arruda - Página 3.

O PARTIDO DA LIGA ELEITORAL CATÓLICA EM MATO GROSSO, por Maria de Fátima G. Costa - Página 4.

CHA E CUIABANÊS, por Antonio de Arruda - Página 5.

DO MEU DIÁRIO DE VIAGEM - CHINA, por Dunga Rodrigues - Página 6.

UMA TRADIÇÃO DEFINITIVAMENTE MORTA EM CUIABÁ: AS TOURADAS, por João Moreira de Barros - Página 7.

NOTÍCIAS METEOROLÓGICAS EM MATO GROSSO, por Jorge Bombled - Páginas 8 e 9.

O QUE RESTARÁ, por Marta Auxiliadora de Freitas - Página 9.

O PORTO DAS LANCHAS E A RUA GRANDE NA DÉCADA DE 30, por Ubaldo Monteiro - Páginas 10 e 11.

A DECADÊNCIA DE UM MITO, por Elmar Figueirêdo de Arruda - Páginas 12, 13 e 14.

CUIABÁ - REFLEXÃO SOBRE O FUTURO DA CIDADE, por Júlio De Lamônica Freire - Página 15.

## MEMÓRIA, PALAVRA DA MODA

Octayde Jorge da Silva

A viagem era longa ... Creio que de 3 dias a duração dessa aventura, entre Cuiabá e Campo Grande... O número de lugares, isto é, de passageiros, no transporte, não poderia ir além de 6 ou 8 ... Era a célebre jardineira do Sacadura, que saía de Cuiabá às 5<sup>as</sup> feiras e aqui chegava, de volta, se não me engano, nas 4<sup>as</sup> feiras... e tinha como ponto de parada, o Hotel Gama, nome de um português, meio calado, mais claro que moreno, mais pequeno do que grande, já passando da meia-idade. Uma matrona forte, disposta, de gestos largos e voz alta, usando pituca e grampos enormes, numa cabeça já bem grisalha, tomava conta do casarão. E norme... dois corredores, um de cada lado da casa, barado alto, marrom escuro, frente de muitas janelas, tantos eram os quartos de frente. Cachorros cumpridos, que abrigavam os transeuntes da chuva, fazendo com que eles se encostassem às paredes ... D. Delmira administrava tudo, indo e vindo ... prosa gostosa ... mulher de dar ordens, avô de Miloquinha, que depois se casaria com o Augusto Mário ... Quem não se lembra de seus arroubos de juventude, quando numa imitação do Reporter Esso, pelas manhãs, através da "A Voz d'Oeste", dava notícias, gritando: Bandeirante no Ar ... E com isso, eletrizou a cidade, nos anos 50 ...

O prédio? - onde ficava o Hotel Gama?... - na rua de Cima ... onde hoje mora a D. Marianinha e tem mais uma loja e uma barbearia ... Havia quartos de trás, onde normalmente ficavam os hóspedes solteiros ou de menos poder aquisitivo ... E, em pleno quintal, como era de praxe, antigamente, porque essas peças da casa eram tidas como de menor importância, o chão de tijolo cru, ou de cimento crespo, para não se escorregar, a cozinha, com chaminé de lata empretecida e o banheiro, uma vez que a privada ficava mais longe, separada, às vezes com paredes de tábua e a construção do vaso, tipo sentina, quadrada, meio funda... quase no fim do quintal ...

Antes do Antônio Lucas vir do Porto, morar na cidade e comprar o casarão... época dos grandes seringais... e ali ele vender, por atacado - deixa ver se me lembro o quê? - a lata de banha de porco, penso' eu ... moraram, também no casarão, depois de ser o Hotel Gama... a enorme família do Rachid Mamed... e outra matrona sacudida, a mãe do Adalberto Vieira, maranhense turuna, que aparecera por aqui, e que também montou no local um hotel, mais para garimpeiros, com pradores de diamantes, gente vinda do Leste... particularmente Poxoréu, como eles diziam e costumam dizer os vindos de lá.

Bem, mas o que eu queria mesmo dizer - e acabei arrodeando tóco, era que a viagem a Campo Grande pela jardineira, nessa década dos 30, se mostrava tão emocionante e ardentemente desejada, como a ida a Corumbá, pelas lanchas dos Miquêis, pela Eolo, Guaporé, Iquatemí, Etrúria... já que o voo pelo hidrovião da Condor... que fazia escala em Porto Jofre... era um encantamento, para ser apenas sonhado ... sei, pelo que me contavam os viajados e os queimadores de campo, que a viagem passava pelo Portão do Inferno ... e pintavam-no com tintas de inferno mesmo, tal o seu perigo ... a grandeza terrífica do precipício ... Acontece que, à época do Sacadura, a saída para Campo Grande...

de... era pelo caminho da Chapada... pois, do Coxipó, para frente, a estrada não estava nem na prancheta, e a viagem começava, contornando os perigos desse sinuoso trajeto, até chegar a São José da Serra... ou São Vicente?

Uma enorme volta ... Depois... a balsa para atravessar um rio num lugarejo só de índios boróros... onde, mais tarde se ergueria, a Rondonópolis de hoje ... O rio que sumia debaixo da terra... a pousada do Gaúcho... a tão cantada e decantada Coxim... que, no Estado Novo, teve seus dias de Herculânea... e que até dizem que a divisão do Estado tão desejada pelas sulistas... e hoje tão abençoada por nós... e que se arrastava desde 1932, às vezes, sob nova indumentária, como mudança da sede da Capital de Cuiabá para Campo Grande... só não se fizera antes, porque ninguém queria ficar com Coxim ...

Certo mesmo é que essas lembranças... marcaram... e fundo... a memória do menino ... E talvez da vontade... que dessas viagens tivera no passado... tão forte, pronunciada mesmo... e ardentemente querida... viera a frustração, palavra que ele só veio a conhecer... ou compreender... senti-la, na geração dos filhos atualmente, mas de forma inversa, de maneira a que, hoje, para aquele pré-adolescente do fim dos anos 30... sem querer copiar a escritora francesa... viajar passou a ser o mais triste dos prazeres.

### SUPLEMENTO MENSAL

#### EXPEDIENTE

#### GOVERNO:

WILMAR PERES DE FARIAS

#### SECRETARIO DE ADMINISTRAÇÃO:

NEY ABBADIA DE OLIVEIRA

#### DIRETOR GERAL DA IOMAT:

ANANIAS VIEIRA DA SILVA

#### DIAGRAMADORES:

CELSO MOLINA

VALDECIR BACANI

IOMAT - Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso  
Rua 13 de Junho n.º 431 Fone: 321-4613

Este Suplemento Mensal é produzido pelo Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, da Universidade Federal de Mato Grosso, em convênio com a Imprensa Oficial do Estado.

#### Endereço para Correspondências e Contatos:

Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, NDIHR, Universidade Federal de Mato Grosso, Bloco do Centro de Ciências Agrárias, Sala 56. Fone: 361-2211 (Ramal 170).

## O VELHO DO MORRO DO TAMBOR

Marta de Arruda

Não há ninguém que passe pelo Morro do Tambor que desconheça o seu Dimas, revolucionário de 1906, que dava tudo de si para defender as hostes poncistas contra as do Totó Paes. Calcula-se que sua idade esteja entre 100 a 110 anos, mas ele não pode comprovar nada, porque não tem documentos. Cuidado pelas filhas, num quarto de frente onde se espalham fotos e santos, o velho Dimas Gomes Pedroso bateu longo papo com a pesquisadora do NDIHR. "Imagine! É brincadeira o que eu já vi?!..." São frases entrecortadas de longos suspiros, ditas enquanto relata trechos de sua vida. Nascido no Porto, ele guarda no seu íntimo pedaços de história dos tempos que se foram e não voltam mais.

MA - Seu Dimas, qual foi o seu primeiro emprego?

DP - Meu primeiro emprego foi trabalhar com o governo de Generoso Ponce, quando ele era Presidente da Província. Eu andava por todo o Estado, a pé, porque não tinha condução.

MA - O senhor lembra-se quando houve aquela briga entre o Generoso Ponce e o Totó Paes?

DP - Ora, pois eu tive na Revolução... A Revolução de 1906. Bati bala aqui neste mato. Aqui era só mato, não tinha quase nenhum morador. Eu bati onze dias e onze noites de fogo. Eu estava com a força do Ponce. Lá no caminho do Coxipó atacamos os inimigos. Eu era a Coligação.

MA - O senhor recorda-se do dia em que o Totó Paes foi morto?

DP - Ah! Pois ele morreu lá no Capão da Mutuca. Quem matou Totó Paes é o pessoal que foi comigo. O Ponce mandou a gente atrás dele. Ele fugiu, quando ele viu que estava perdendo, que aqui o negócio estava ruim... Frei Ambrósio desceu do Seminário, foi buscar ele na casa dele. Ele disse para o frei: "Não fico mais aqui. O povo todo está dando vivas ao Ponce." Totó Paes ficou impressionado. Ficou nervoso. Saiu do Seminário à meia noite para ir pra Chapada dos Guimarães. Mas por muito favor ele chegou no Capão da Mutuca. Quando o dia clareou, ele disse pros seis capangas que estavam com ele: "Vamos entrar aqui no mato, porque senão vem gente e vai dar minha notícia lá na cidade. Entraram no Capão. Ele não estava sabendo que o Ponce já tinha mandado nós, vinte e cinco pessoas, para ver onde Totó Paes estava. Recomendou: "Não é para fazer nada para ele!"

MA - Quer dizer que o Ponce fez a recomendação para não maltratar o Totó Paes?

DP - Não era para fazer nada para ele. Não bater. Não matar. Ele fazia questão que trouxéssemos ele com vida, porque ele tinha responsabilidade com ele. Mas nós chegamos para pegá-lo e a turma dele fez fogo em cima de nós. Foi aquela barulheira. Pá, pé, pé, pé, pé, pé... Quando cessou o fogo, fomos lá, e vimos o Totó Paes caído, com um balaço na costela. Ele ainda estava rolando, sujo de folha e sangue.

MA - Qual foi a reação do Ponce?

DP - Quando nós chegamos aqui, às 4 horas da tarde, o Ponce estava na casa do Batistinha de Almeida. Estavam com ele o José Virgílio, Dr. Estevão, Dr. Cesário. Todos estavam reunidos lá. Ao ouvirem nosso tropel, o pessoal saiu à janela. Ponce perguntou: "Que é do meu prisioneiro?" O comandante, um mineiro barbudo e de canha comprida, respondeu: "A onça de Mato Grosso está morta!" Daí bateu um acesso no Ponce e o Dr. Estevão acudiu. Deram remédio para ele. Não era para matar o Totó Paes, porque os dois eram maçônicos.

MA - Como era a Cuiabá daquele tempo?

DP - De 1906? Aí no São Gonçalo foi feito um buraco de dez metros de profundidade por 10 de comprimento. Bem aí onde está hoje o Colégio dos Padres. Quando cessava o fogo, vinha duas carroças da Cruz Vermelha, os empregados com uma cruz vermelha bordada na camisa, pegava os defuntos e levava até o buraco. Quando enchia de defuntos, eles semeavam uma lata de querosene e tacavam fogo. Pedia carne queimada nesta cidade. A noite inteira queimavam aqueles corpos do pessoal morto no combate.

MA - O senhor esteve com o Ponce até o final?

DP - Estive. Se não morri, vou te dizer, é porque carregava comigo uma proteção. Eu ganhei do bispo Dom José. Era um bispo que cuidava somente da religião. Quando ele tinha que ir embora, me chamou. Eu estava lá no terreiro da casa dele, porque eu lavava roupa dele. Eu passava ferro para ele. Eu fazia café para ele. Fazia chá para ele. Fazia de tudo para ele. Daí quando ele foi embora, na véspera da viagem, me chamou lá dentro. Eu fui lá. Ele me deu uma medalha assim cravada de brilhantes. Me disse: "Olha, eu vou colocar esta medalha no seu pescoço. Ela vai livrá-lo de todo mal!" Depois que ele pôs, eu nunca mais tirei do pescoço. Foi a minha proteção. Bala chegou até a furar meu chapéu, mas no meu corpo ela não vinha. É brincadeira o que eu já vi?!...

MA - O senhor também esteve nas usinas de acucar?

DP - Estive na Usina Italcí. Me lembro quando mandaram buscar o mecânico Jorge Reiners, da Alemanha. Ele veio com as máquinas do Batistinha de Almeida. Foi o Totó Paes quem financiou a compra para o Batistinha.

MA - Quem trabalhava na Usina era escravo?

DP - Não. Eram camaradas livres. Fui feitor da usina e não era de bater em ninguém.

MA - O senhor nunca pôs empregado no tronco?

DP - Nunca. Lá não tinha tronco. Lá tinha quarto escuro. O sujeito ficava preso e só comia uma vez por dia. Esse era o castigo. Quando eu assumi o comando de lá, eu falei pro patrão que não ia consentir no abuso como era no tempo do Totó Paes. Esse sim: matava, metia o pau, pintava o bode. Mas eu não consentia nisso.

MA - Por quanto tempo o senhor trabalhou com o Governo?

DP - Por 55 anos. Cheguei de ir à pé daqui à Poconé. Daqui à Rosário. Daqui à Passagem da Conceição.

# O PARTIDO DA LIGA ELEITORAL CATÓLICA

## EM MATO GROSSO

Maria de Fátima G. Costa.

A República Nova, instalada em 1930, está em jogo com a eleição Constituinte em 1933. A disputa se faz através de partidos regionais que apoiando ou opositorando o Governo Provisório compõe-lhe o corpo. A exceção é a Liga Eleitoral Católica - LEC que se dizendo apartidária se inscreve no Superior Tribunal Eleitoral - STE como único partido nacional. Desde 1889, quando perdeu espaço no Estado brasileiro, a Igreja Católica vem tentando se rearticular politicamente, só conseguindo efetivamente com a Constituição de 1934, quando através da LEC, em 1933 elegeu deputados na maioria dos Estados.

Mobiliza-se em 1890 com a criação do Partido Católico e em 1925, quando Bernardes propõe reformas constitucionais. Mas somente quando a Aliança Liberal põe Getúlio Vargas no poder é que o Governo Provisório, em troca de seu apoio, concede um reconhecimento Oficial a Igreja. Porém, o reconhecimento oficial só poderá ocorrer com uma nova Constituição. Assim sua luta na Constituinte 1933-34 será para garantir e ampliar as conquistas obtidas. A criação da LEC se dá em 1932, quando as forças políticas lutam pela reconstitucionalização do país. Seu objetivo era de atuar paralelamente ou acima dos partidos, visando aglutinar forças políticas em torno da doutrina social da Igreja, apoiando partidos ou candidatos que concordassem com seu programa mínimo: reconhecimento constitucional da indissolubilidade do matrimônio e a validade civil do casamento religioso; instrução religiosa obrigatória nas escolas públicas; concessão de assistência religiosa obrigatória às forças armadas, às prisões e aos hospitais, como também, a oposição radical à doutrina socialista.

Com essa finalidade, mesmo tendo declarado em seus princípios não se constituir um partido político, pede e consegue em 1933 registro no STE (Gazeta Eleitoral-MT de 10.03.33) do seu programa e legenda, como partido nacional. Podendo, assim, se converter em qualquer Estado da Federação em partido local só com uma petição de sua junta estadual ao TRE. Como de fato ocorreu no Ceará e em Mato Grosso. Em janeiro de 1933 a LEC se instala em MT, abrindo em março, em Cuiabá o seu primeiro escritório. Seguindo as mesmas diretrizes da sua Junta Nacional, procura se aproximar tanto do Partido Liberal Matogrossense - o partido liderado pelo Interventor Federal, como do Partido Constitucionalista - uma conjunção das forças oposicionistas - para apoiar ou indicar candidatos que se comprometessem com seu programa mínimo.

Transformando o periódico católico A CRUZ em seu porta voz oficial, a LEC-MT tenta estruturar-se a nível estadual fundando juntas em Cáceres, Campo Grande, Lageado, Diamantino e Guajará-Mirim.

Sendo as eleições em maio, o mês que a antecede foi marcado pela mais intensa propaganda eleitoral. A LEC lança sua chapa composta de elementos dos dois partidos, Dr. Virgílio Alves Correa Filho, Dr. Genérico Ponce Filho, Dr. Francisco Villanova e Dr. Gabriel Vandoni de Barros, e por eles trabalha ativamente. Porém, às vésperas do pleito, observa que o único candidato por ela indicado para a legenda do Partido Liberal, Dr. Virgílio Alves Correa Filho, teve seu nome excluído da Chapa registrada por este partido no TRE, em

bora mantivesse os outros nomes ao qual emprestava o seu apoio. Transcorrida a eleição, no total de mais de oito mil eleitores inscritos no Estado a LEC consegue, apenas 161 votos, dos quais 53 foram dados em Cuiabá. Não conseguiu, portanto atingir o coeficiente eleitoral exigido (1.028 votos) e consequentemente sua legitimação como força política no Estado.

Problemas decorrentes da luta entre os dois partidos locais motivou a anulação do pleito de maio, e em setembro os matogrossenses retornam as urnas para indicarem seus representantes à Constituinte, tendo a LEC-MT conseguido nesta nova disputa apenas 149 votos. A que podemos relacionar esse fracasso eleitoral em MT, sabendo que nos outros Estados sua vitória foi inegavelmente fabulosa? Que a Carta Constitucional promulgada em 1934 traz no seu preâmbulo a evocação ao nome de Deus e no seu texto muitas das propostas defendidas pela LEC transformadas em artigos, como queriamos seus representantes? Mesmo se tivesse sido apurada a urna de Guajará-Mirim a derrota ainda seria gritante.

A CRUZ em 14.05.33, quando tenta justificar a derrota em Cuiabá, lança alguma luz para o entendimento. Vejamos:

"Aqui, na Capital, onde mais se trabalhou maior também são os obstáculos do ambiente. O eleitorado é quase todo constituído por funcionários públicos e portanto solidário com o governo, o qual não adaptou o programa da Liga. Esta, ademais, já encontrou o campo dividido em duas fortes concorrentes partidárias, que faziam questão de não dispensar votos. Finalmente, sabem todos que vários centares de processos de alistamento ficaram parados, e com esses eleitores, não qualificados ex-officio, é que principalmente a LEC podia contar."

Esta eleição de 1933 foi a que inaugurou a prática do voto secreto e livre. Como apregoava a República Nova, sem a coação do voto a descoberto, as oligarquias seriam minadas. Mas, o que se deduz desse trecho de A CRUZ são duas graves denúncias: Primeira, o funcionário votava solidário com o governo e não com a sua consciência; depois, se deixou de qualificar eleitores, cerceando um direito do cidadão, e logo os que não eram funcionários, portanto de controle mais difícil. Assim, se percebe que nesta eleição, mesmo com todo apregoamento da República Nova de não manipulação de voto, a nova ordem encontrou meios de torna-la não a vontade da maioria, mas a sua própria vontade.

Acredito que tais atitudes não devam ser observadas unicamente como fator de desestabilização do partido católico. Penso até que não houve tal preocupação. Mas que estas denúncias devam ser percebidas dentro do bloco político contextual do qual fazem parte: as lutas oligárquicas. Pois estas não cessaram, magicamente, com a instalação do Governo Provisório em outubro de 1930, e sim se rearticularam numa atitude de adaptação à nova ordem. O conflito oligárquico aze

## CHÁ E CUIABANÊS

Antônio de Arruda

O confrade Octayde Jorge da Silva, em uma de suas deliciosas crônicas, em que rememora com bom humor fatos, pessoas e costumes de nossa terra, referiu-se ao chá cuiabano. Um chá que se compõe de várias iguarias... menos chá. Essa referência me fez recuar o pensamento para dias remotos e ouvir a voz suave de minha mãe conclamando o pessoal:

- O chá está na mesa

Nosso chá era variado. Havia o leite, o café, o chocolate, pão, bolos. Havia também o mate queimado na brasa que se tomava sem misturar: nunca desnaturado com leite ou outra bebida. O que raramente parecia era o chá... Nosso chá, como as duas refeições principais era servido na varanda, em extensa mesa, primeiramente a meu pai e aos filhos menores, depois aos filhos mais velhos com os caixeiros. Simultaneamente, servia-se uma outra mesa menor aos tropeiros e peões, no alojamento que lhes era destinado. Ao todo, trinta pessoas em média, em cada refeição. Aos que acham exagerado esse número lembro que éramos onze irmãos e mais dois ou três adotivos. Havia ainda dois caixeiros, cozinheira, copeira, lavadeira, peões, tropeiros fregueses de meu pai, além de pessoas que eventualmente assistiam em nossa casa, durante dias e até meses (quando, por exemplo, uma comadre brigava com o marido e lá ia com os filhos). Não faltavam também os que iam "passar dia". Esta era uma verdadeira instituição, hoje talvez em desuso, mas em vigor naquele tempo. Era comum então ouvir-se: - "Olhe, domingo, vou passar dia em sua casa", Esse "passar dia" significava que o visitante ou as mais das vezes a visitante - fazia jus desde o chá até o jantar.

Minha mãe presidia a essa árdua faina com serena energia e nunca impaciente. Acompanhava o trabalho das empregadas na cozinha, ajudava-as, temperava os bolos e doces. Uma tarefa ela se reservava: ralar e servir o guaraná, de manhã e à tarde, para todo o pessoal, inclusive os filhos menores. Aos serviços ela oferecia laranjada, cajuada ou coisas assim. Tínhamos convivas habituais, alguns vindos de Várzea Grande ou de outras povoações mais distantes - amigos e correligionários de meu pai, todos firmes no velho Partido Conservador. Outros eram menos frequentes, como o Major Firmo Rodrigues, Frederico Pedro de Figueiredo, João Batista de Campos, que às vezes atravessavam a barca e iam tomar chá conosco. Outro visitante ilustre era o Dr. João Vilasboas, amigo e chefe político de meu pai, que de vez em quando nos dava a honra e o prazer de almoçar em nossa casa.

Não havia convites especiais para essas ocasiões. Os amigos chegavam, reuniam-se em grupo na loja ou na sala de visitas, participavam da conversa, aceitavam sempre um aperitivo - cerveja ou vinho do Porto. Alguns preferiam uma cachacinha, para rebater o calor ou o frio, conforme o caso... Isso tudo nos tempos de bonança, quando morávamos do outro lado do rio. Pois, mais tarde, as coisas se modificaram. Mas isso não vem ao caso. Voltemos ao chá. Em nosso chá, o acompanhamento era o pão francês vindo da Várzea Grande que o padeiro, a cavalo, levava em dois grandes balaios. Mas o que apreciávamos mesmo eram os bolos, preparados por minha mãe. No diário, era o bolo de arroz, assado em caçarola com brasa sobre a tampa. Esses bolos eram feitos de manhã e a tarde, para a sobremesa do jantar, servido com o mate queimado. Meu pai cortava-os em fatias, cabendo a primeira delas a um participante habitual, o Hermes, um de meus companheiros de brinquedos. Na hora exata, o

Hermes chegava sorrateiramente, postava-se no limiar da porta da varanda, recebia sua parte do bolo e saía tão silenciosamente como tinha entrado. Aos domingos, ascendia-se o forno de barro da cozinha e tínhamos então o bolo de arroz, o bolo de queijo, o francisquito e eventualmente o pão-de-ló.

Longe de Cuiabá, perdi de vista o chá, pois só ouço falar em café, café de manhã ou, às vezes, em breakfast (em hotel). Mas o chá ficou em meu subconsciente, como ficaram outros termos que vejo constantemente substituídos por outros. Assim, continuo falando em ata (ao invés de fruta de conde), bananinha (ao invés de banana), papagaio (não pipa) e assim por diante. Esse apego aos falares cuiabanos me tem causado alguns mal-entendidos. Certa vez, de passagem por São Paulo, em um hotel, chamei pela camareira e pedi-lhe:

- Por favor, traga-me o chá.

Daí a pouco, vem ela com a bandeija, com leite, pão, biscoitos, manteiga, geléia e... chá. vendo isso, perguntei-lhe:

- Este hotel não tem café?

- Tem, mas o senhor pediu chá!

Caí em mim. Estava falando cuiabanês. O interessante é que a minha saudosa Lélia que me acompanhava e ouviu o pedido, não percebeu que a linguagem que usei era inadequada naquele momento. Em verdade, os ignaros não entendem o cuiabanês. E a prova está naquele outro caso de nossa conterrânea, quando, acompanhado os pais, estive a passeio no Rio de Janeiro. No restaurante do hotel, o garçom, ao servi-la, indagou:

- Quer sopa?

- Só um chiriri!

- Como disse? - espantou-se o garçom.

Mas o pai acudiu em socorro da jovem:

- Ela quer só um pouquinho...

A propósito, lembro as missas de madrugada, nas festas do Senhor Divino e de São Benedito, seguidas de fartas mesas de chá, que os festeiros ofereciam em suas casas. Era frequente ouvir-se à cuiabana:

- Olhe, amanhã tem tchá co bolo na casa do festeiro. Quem conhece o cuiabanês, embora não matogrossense, é o Embaixador Ronaldo Costa. Aprendeu-o com sua esposa, a cuiabana de duzentos anos, D. Margarida Corrêa da Costa. A meu filho Heraldo, que serviu com ele no Japão, dizia, às vezes, o Embaixador:

- Heraldo, hoje à noite, vou esperar você e Yuko para tomar tchá co bolo.

Era a senha para o suculento jantar supervisionado pela Embaixatriz.

Dos conterrâneos, um que jamais deixou de lado o cuiabanês foi o Professor Fernando de Campos. Matêmico, culto, grande conhecedor da língua, Fernando de Campos timbrava em falar cuiabanês. Um dia, em uma de suas aulas de Geometria, no Liceu Cuiabano, empregou o termo dezasseis. Os alunos, em sua maioria, estranharão. Dezasseis? E o Vicente Leite se permitiu até um riso zombeteiro, que não passou despercebido à sagacidade do Professor. Olhando o caçolista por cima dos óculos, seguro de si, Fernando interpelou-o:

- Estou errado, Vicente?

Diante da interpelação, Vicente recuou:

- Não, absolutamente, disse ele. Com o habitual desembaraço e presença de espírito. Quem sou eu, para corrigir o meu Mestre?

Como se vê, o cuiabanês tem nuances que, por vezes, escapam até aos cuiabanos.

## DO MEU DIÁRIO DE VIAGEM : CHINA

Dunga Rodrigues

A impressão mais forte, que guardarei, por muito tempo, da nossa rápida volta ao mundo, foi provocada pela China. Trouxe para este país um pouco das minhas reminiscências infantis. As gravuras, que as revistas européias nos traziam sobre a China, faziam-me imaginá-la habitada por uns homenzinhos gordos, barrigudos, roupas coloridas de brocado, no vermelho e dourado, as cores do poder e da opulência, unhas compridíssimas, bigodes longos, cabelos terminados em trancinhas, e pele amarelada, como açafrão. Naturalmente, nélas figuravam os ricos mandarins, que tinham a mesa farta e se divertiam a beliscar os seus serviçais. O Almanaque Bertrand repetia estes costumes em charges maldosas ou verdadeiras.

Não sei até que ponto eu estava perto da verdade. Mas, considerando o povo de hoje; afável porém contido, inteligente e disciplinado, aberto ao estrangeiro e, mirando o fausto dos seus palácios, o brilho do ouro, os azulejos venezianos, as cores álares, que o populacho estava proibido de usar, só lhe atribuindo o cinza e o preto (as cores da tristeza e da morte, no seu simbolismo), sente-se um misto da piedade e de admiração, nesta corrida para progredir e melhorar de vida.

Pequim e Nanquim dão uma visão geral de pobreza. Mas, estão construindo muitos conjuntos habitacionais tipo o nosso B.N.H. Pouco podemos constatar do dia a dia chinês, pela dificuldade da língua e exiguidade de tempo. E também pela distância em que nos colocamos, do povo, alojando-nos em hotéis cinco estrelas, onde a comida é farta e de agradável sabor e visual. As palavras que tenho para definir a China, neste primeiro e rápido contato, foram as seguintes: "Eles viviam miseravelmente até o fim da Dinastia Ming. Refiro-me ao povo e não à elite. No começo do século, sofreram a guerra contra o Japão. De 1935 a 1937, outra invasão japonesa.

Em 1940 houve a revolução comunista encabeçada por Mão Tsé Tung, que é admirado por uns e criticado por outros. Em 1976 houve a revolução cultural. Atualmente, com tantos revezes, aos quais se acrescenta a Guerra do Ópio, contra a Inglaterra, resultando o domínio de Hong-Kong por 50 anos, nota-se, comparando a opulência e fausto dos nobres e as precárias condições de vida, pelos casebres que ainda hoje existem, sente-se que todos, sem exceção, estão procurando atingir um nível melhor, não só materialmente, como culturalmente.

Povo e governo são conscientes de suas deficiências e lutam juntos, tenazmente, para superá-las. O capital estrangeiro já entra no país, porém em pequena porcentagem. E talvez isto seja um bem à preservação de costumes e de atitudes que lhes são peculiares, pois eles continuam originalmente puros.

Povo educado com alimentação forte, trabalhando, amável, gente que se esforça por atingir o seu desenvolvimento industrial, que em matéria de construção é ainda bastante precário. Para se erguer um edifício utilizam mais o braço humano ao invés de máquina

rio, como podemos observar. Há aglomeração pelas ruas durante o dia e a noite. Milhares de bicicletas, o veículo preferido, mas não se esbarram, não se machucam, nem agridem. A restrição da natalidade é rigorosamente vigiada e as penalidades, pelo não cumprimento, são rígidas.

Criando, desde 1979, o regime de um filho por casal, preocupam-se já as autoridades, com a educação do filho único, que poderia ser nociva pelo excesso de mimos e de cuidados. E, no seu pensar, não desejam ver estereotipado nessa geração de filhos únicos, o despotismo dos antigos imperadores, que tanto prejudicaram este povo. Para sanar este provável mal, movimentam psicólogos e orientação adequada, para que estas crianças não tenham uma formação egoísta e não se prejudiquem pelo acúmulo de gostos e vontades satisfeitas.

O que também nos chamou a atenção foi a ausência de policiamento, (pelos menos não sistematizado), nos museus e palácios. Também parece não haver batedores de carteiras. Mas o que encanta mesmo, nesta China misteriosa, é a hospitalidade do seu povo. Hospitalidade ditada por Confúcio há dois mil anos: "É um prazer receber amigos vindos de longe.". Estas palavras, qualquer chinês comum sabe demonstrar, na sua maneira de se comportar, de nos acolher, de expressar a aceitação da presença estrangeira. A sua amabilidade supera a falta de compreensão oral, pois para se tornar agradável, a língua não se faz necessária.

### O PARTIDO DA LIGA ELEITORAL CATÓLICA EM MATO GROSSO

Conclusão da pág.04

redismo X celestinismo se amplia nesta metamorfose e vemos elementos de ambos os lados em novas alianças no sentido de se reaproximarem do poder. O período compreendido entre 1930-1934 foi marcado por esse rearrumar dos grupos, que apoiando, criticando ou derrubando Intervenientes no Estado vão reformando o cenário político. E neste rearticular percebe-se que as antigas rédeas passam as mãos de um novo condutor, o recém empossado 'Chefe de Polícia do Rio de Janeiro, o Capitão Filinto Müller. A Igreja Católica não representava naquele momento, onde a Loja Maçonica Acácia Cuiabana tinha nos seus quadros os mesmos elementos que compunham o poder, uma força política. Talvez a maior explicação para esta derrota católica em MT esteja neste trecho de O MATO GROSSO de 11.06.1933: "... emigrou Azeredo, surtiu Filinto Müller a manejar os mesmos processos, impondo, de longe, a sua vontade ..."

# UMA TRADIÇÃO DEFINITIVAMENTE MORTA EM CUIABÁ:

## AS TOURADAS

João Moreira de Barros

Falar de tradições em Cuiabá, principalmente das que já se foram, é impossível deixar de lado as touradas. Dissemos em trabalho anterior que algumas tradições deveriam ser restauradas, pelo que até uma espécie de apêlo ou simplesmente a título de lembrança abordamos o assunto. Como exceção deixamos de lado as touradas. Pode ser que não tenhamos razão para isso porque outros podem pensar de modo diferente e melhor. Insistimos, porém, no nosso ponto de vista embora, por um lado, possa parecer pieguice de nossa parte atenta a circunstância da brutalidade da luta e, principalmente, o tratamento violento dado aos pobres animais - os bois.

Nem por isso, contudo, deixaremos de relatar como eram as nossas touradas, o que foi feito recentemente em nosso "Cuiabá e o Seu passado" de recente edição. Claro está que as nossas touradas foram trazidas pelos portugueses algum tempo após a elevação do Arraial à condição de Vila, em 1727. Realizavam-se primitivamente na atual Praça Alencastro, depois na atual Praça Ipiranga. Só mais tarde passaram para o Campo d'Ourique, a Praça Moreira Cabral, essa mesma que as obras de ampliação do Palácio Filinto Müller, sede da Assembléia Legislativa, estão destruindo. Aliás, diga-se de passagem, que houve protestos e até embargos contra citadas obras. O resultado já é conhecido: - as obras prosseguiram sem que se saiba o destino dos tais embargos. Diz-se que a Assembléia "não deu bolas" para os embargos. Verdade? Parece.

Realizavam-se as touradas em uma praça improvisada circundada de camarotes ou palanques de madeira construídos pelos adquirentes dos lotes previamente demarcados pela Prefeitura. Os camarotes eram cobertos de fazenda geralmente colorida e enfeitadas. Havia camarotes ricamente preparados. A parte da praça que ficava de frente para o sol geralmente não tinha camarotes. Era fechada com cerca de madeira. Enquanto que, para se assistir o espetáculo dos camarotes, pagava-se por cadeira, claro que nos de aluquel; na cerca o "povão", assistia de graça enfrentando a soalheira. Os animais - bois, nunca touros propriamente dito - ficavam em um curral ligado à praça por um corredor de madeira denominado "tronco", que tinha um dispositivo especial que tornava o animal imóvel de modo a facilitar a tórta dos chifres e do qual ele saía para a praça por uma cancela aberta no momento oportuno.

Os toureiros designavam-se: a) toureador b) capinhas. Havia uma espécie de pagem do toureador denominado "jacuba", além das "máscaras", um grupo mais ou menos numeroso fazendo frequentemente às vezes de palhaços porque pouquíssimos eram os mascarados com habilidade e coragem para o exercício da arte de tourear. O toureador era o chefe. Montava a cavalo e seu traje era vistoso - calças brancas com botas pretas, uma casaca de cetim vermelho e um chapéu com plumas; o "jacuba" também usava botas com calça branca, um jaleco vermelho com uma capa azul e chapéu sem plumas; os capinhas, descalços, usavam calças brancas, paletó vermelho e chapéu preto quebrado na frente com uma presilha. A denominação de capinhas era imprópria porque

não usavam capa como os toureiros portugueses ou espanhóis, mas uma bandeira de baeta pregada em uma madeira roliça de cerca de um metro de comprimento com uma choupa na ponta, geralmente na mão esquerda, para atrair o animal enquanto na direita trazia a garrocha, uma madeira de cerca de meio metro de comprimento, também com uma choupa em uma das pontas. Quando o animal investia, o capinha picava-o com a garrocha cuja choupa permitia ficar dependurada no pescoço. Era frequente ver um animal com uma dezena de garrochas. É que ele era "bom de sorte", quer dizer, investia sempre.

O grupo adentrava a praça por uma larga porteira vindo da "Casa da Festa". À frente, montados, o toureador e o "jacuba", a seguir, os chapinhas em torno de doze e, por último, as "mascaras" ou "os mascarados" porque eram só homens. O "jacuba" se destacava para, em um cerimonial próprio da festa, pedir licença ao Imperador, que ocupava o camarote fronteiro, para a entrada do grupo, que rodeava a praça sob estrondosas palmas e ensurdecedor foguetório. À essa hora já estava sendo puxado para o tronco o primeiro animal previamente escolhido pelo pessoal do "tronco", isto é, os homens encarregados do serviço. Postados no centro fronteiro ao tronco, toureador e capinhas aguardavam o início do espetáculo. Preparado o animal, chifres torrados, fita amarrada na testa ou na cauda, acenava-se para o toureador que, com seu capinha escolhido, a seu lado direito, ambos marchavam para a frente do tronco. Solto, o animal já furioso, investia sobre o capinha, que o atraía com a sua bandeira, momento em que o toureador enterrava a lança, uma vara comprida picotada, com uma choupa na ponta, no rescoço do bicho, sob acordes do Hino do Senhor Divino e espocar do foguetes. A partir daí o animal era entregue aos capinhas e só posteriormente aos "mascarados". Havia uma hierarquia rígida. Antes da "sorte" do toureador, nenhuma capinha poderia fazer a sua e antes deles não se permitia a atividade dos "mascarados".

A primeira "sorte", que era o ato de se farpear o animal, era geralmente oferecida ao Divino Espírito Santo. As seguintes, mesmo nos dois dias seguintes, porque eram três dias de touradas, 2<sup>a</sup> - 3<sup>a</sup> e quarta-feira, eram oferecidas aos assistentes dos camarotes, que eram "obrigados" a aceitar a oferta. Se não o fizessem as vaias eram simplesmente ensurdecedoras: "Aceita, cara-dura", "aceita, caradura". Quando o animal do toureador era chifrado, dizia-se: "apanhava", ele, o toureador, apejava para, com um ferrão, lança forte enfeitada e com uma forte choupa, vingar sua montaria. Era o ponto alto da festa. Geralmente ia de botas, raramente descalçava-as. Essa "sorte" do toureador valia alto. Quando o animal era morto, "corria-se" palanques, quer dizer, todos pagavam, embora a "sorte" não tivesse sido oferecida. Dentre os toureadores o mais famoso foi Paulo Ramos, um homem forte que fazia o boi parar na sua investida. Dentre os capinhas contavam-se vários de primeira plana: Dionísio, Miguel, Jovino, Casemiro. Era uma festa que abalava a cidade. Era popular, mas a frequência dos camarotes era baixo. Ah! Quantas saudades ...

## NOTÍCIAS METEOROLÓGICAS EM MATO GROSSO

Jorge Bombleid.

Ouçõ dizer por muitas pessoas nesta Cuiabá: "O clima de Cuiabá mudou por completo. A época dos frios não é mais a dos meses de maio, junho, e julho. A chuva também vem fora do tempo. O calor é muito maior do que em tempos idos".

Isso e mais outras coisas semelhantes.

Caros leitores, queiram atender ao que lhes vou descrever.

A atmosfera que envolve o nosso planeta, assim como o universo todo, a natureza e os próprios seres humanos, não são autômatos a repetir mecanicamente gestos, ações, reflexos, movimentos e manifestações, numa monotonia rígida, exata e matemática em tempos predeterminados equidistantes, equivalentes aos equidistantes.

E, graças sejam dadas ao Deus criador, que harmonizou todas as criaturas por haver estabelecido variedades na unidade, diversidade na pluralidade, a ponto de encantar continuamente os admiradores e os beneficiados de seus dons, e de não causar enjôo a quem quer que seja.

Aliás, vejam só: o mais perfeito mediador do tempo, ou se quiser, o relógio mais perfeito, é o Sol. Entretanto, os homens inventaram uma máquina incapaz de determinar com exatidão a hora solar, o dia solar, o ano solar.

Para corrigir o erro, acrescentaram um dia de vinte e quatro horas ao ano chamado bissexto.

Ou não sabem que o equador, esta linha imaginária que separa os dois hemisférios, nem sempre estava na posição hodierna? A Estrela Polar, nem sempre foi a conhecida presentemente, e daqui a alguns mil anos, já não será mais Estrela Polar? Bastam estas asserções para saber que o universo, permanecendo sempre o mesmo, não é sujeito à imobilidade estática para satisfazer a preguiça dos que se contentam com menor esforço para descobrir-lhe os segredos eternamente antigos e continuamente renovados.

Mas venhamos ao que nos interessa.

O clima de Cuiabá mudou?

Vejam. Cuiabá é região conhecida como terra muito quente, especialmente nos meses de setembro e outubro. De fato, a maior temperatura registrada até hoje em Cuiabá, certamente não aquela medida por termômetros expostos ao Sol, mas sim aquela registrada por instrumentos meteorológicos colocados em abrigos padronizados no mundo inteiro, a fim de obter dados que se possam comparar com maior fidelidade, atingiu o valor de 42,29°C no dia 6 de outubro de 1940. Aliás, naquele ano a máxima diária de 27 de setembro a 8 de outubro, manteve-se entre 40 e 42 graus centígrados. No mesmo ano, em agosto, a maior máxima diária atingiu o valor de 40,0°C, no dia 25; em setembro ela foi de 40,2°C, no dia 28.

Porém, as temperaturas mínimas nestes meses; no período de 1911 a 1966, não superaram os 20°C em quarenta e cinco anos do período considerado. Antes, foram registradas temperaturas de 14°C nos anos 22, 24, 29, 38, 42 e 46; temperaturas de 13°C nos anos 21, 34 e 40; temperaturas de 12°C em 1933.

Na verdade, o tempo de friagem — aliás de apenas alguns dias em Cuiabá — ocorre nos meses de maio, junho e julho. Entretanto, revendo o arquivo do

Observatório Meteorológico "Dom Bosco", que funcionou no Colégio Salesiano São Gonçalo, constatei que somente seis vezes no período assinalado o mês de maio foi marcado com uma temperatura abaixo de 10°C positivos, isto é, acima de 0°C. Em vez, o mês de agosto foi assinalado quinze vezes no período com uma temperatura abaixo de 10°C.

Também no mês de setembro, conhecido como sendo muito quente, consta ter sido marcado com idêntica temperatura mínima três vezes nesse período. E coisa muito admirável é que em setembro de 1943 a temperatura mínima foi de 7,7°C — mínima absoluta do ano — registrada no dia 15, para elevar-se à temperatura de 40,3°C — máxima absoluta do ano — no dia 20 do mesmo mês. Portanto, houve uma diferença de temperatura nestes cinco dias no valor de 32,6°C.

Comparativamente, as temperaturas extremas registradas durante os meses de setembro e outubro, nas mesmas condições de observações padronizadas no mundo inteiro, na Estação Agrometeorológica "Pe. Ricardo Remetter", da UFMT, em Santo Antônio do Leverger, e nos anos 1981 a 1986, foram as seguintes:

ANOS	Temperaturas Máximas		Temp. Mínimas	
	Setembro	Outubro	Setembro	Outubro
1981	38,2 °C	36,3 °C	9,5 °C	15,8 °C
1982	36,6 °C	35,7 °C	17,3 °C	19,2 °C
1983	37,9 °C	35,6 °C	11,6 °C	16,2 °C
1984	36,9 °C	38,2 °C	14,8 °C	19,8 °C
1985	37,8 °C	37,6 °C	16,0 °C	16,5 °C
1986	36,8 °C	36,8 °C	14,6 °C	16,5 °C

Não há dúvida que as calorias em Cuiabá aumentaram muito desde o ano 1968 com o surgimento de muitos prédios elevados, de cimento e vidraças, com o asfaltamento de muitas avenidas, ruas da capital e diminuição da arborização em zonas urbana e rural, mas em virtude da reverberação e aquecimento indireto do ambiente atmosférico, não sendo o resultado direto da temperatura natural própria da zona tropical.

O que diremos, então, das chuvas fora do tempo em Cuiabá?

O período chuvoso em Cuiabá inicia-se geralmente em outubro de um ano para acabar em abril do ano seguinte. Mas, em certos anos, já iniciou em setembro ou findou em maio.

Consultando o arquivo, fonte de informações, encontramos os dados abaixo:

Conforme os totais médios mensais do RESUMO GERAL do Observatório Meteorológico "Dom Bosco", de Cuiabá, os meses chuvosos, por ordem decrescente, são janeiro, fevereiro, março, abril e maio; e por ordem crescente são setembro, outubro, novembro e dezembro.

O total normal anual é de 1.271,5 mm, ou seja uma capacidade de 1,271 m. de altura por metro quadrado equivalente de 1.271 litros por metro quadrado de superfície.

O maior total anual de chuva registrado em Cuiabá foi de 1.850,2 milímetro em 1912, e o menor to

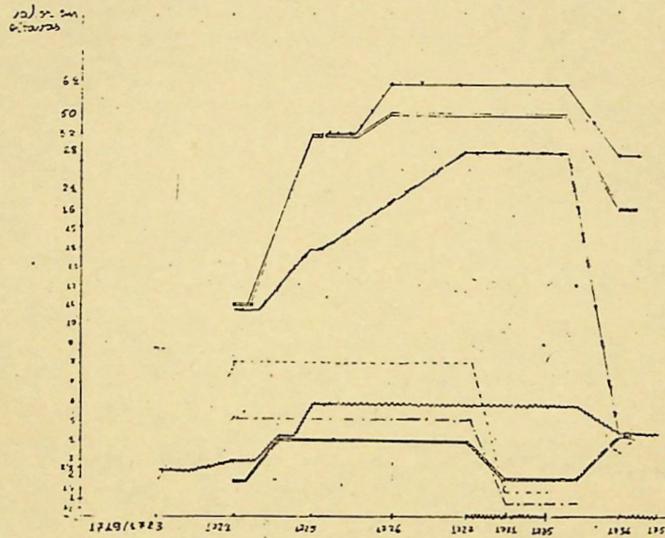
Conclui na pág. seguinte

ção (o pagamento por bateia vinha de São Paulo (6) a qual logo em setembro foi retificada pelas autoridades da vila para quatro oitavas por cada escravo. (7)

Continuando sua ascensão, o tributo passou a seis oitavas por bateia em 1725, continuando nesse patamar até o final de 1735, quando fôra baixado para quatro oitavas e três quartos por Decreto de El Rei (3) que unificou a cobrança do tributo, sendo o mesmo feito em Minas Gerais e Goiás. Até 1728 o ouro era cobrado e pesado na provedoria de Cuiabá e remetido para São Paulo. Daquela data em diante passa a funcionar a Casa de Fundição em São Paulo, sendo o ouro mandado até lá

para ser quintado, mas os direitos de entradas continuavam a ser cobrados na vila de Cuiabá. Volta, em 1736, o sistema de capitação e censo por decreto de El Rei para unificar os tributos. Deveria vigorar este tipo de tributação até 1752, quando o primeiro governador de Mato Grosso Antônio Rolim de Moura não cumpriu as ordens de Sua Magestade para abrir a Casa de Fundição na capitania. Só em 1772, no governo de Luiz Pinto de Souza Coutinho, se ergueu em Vila Bela a Casa de Fundição.

Veremos agora a oscilação de alguns dos produtos que entravam nas minas através dos registros e pagavam os direitos de entrada.



Carga de seco -----  
 Carga de molhado -----  
 Loja de secos -----  
 Loja de secos e molhados -----  
 Loja de molhados -----  
 Loja de secos e molhados -----  
 Loja de molhados -----  
 Escravos (capitania) -----  
 Escravos (entrada) -----

DADOS RETIRADOS DA TABELA DE ENTRADAS

GRÁFICO DA ELEVAÇÃO DOS TRIBUTOS

Pelo gráfico acima pode-se perceber a intensa flutuação nos preços das entradas que pagavam as mercadorias nos portos de registros, como também a capitação. Na tabela há um número maior de produtos e serviços tributados, que não puderam ser expostos no gráfico por não se encontrar mais dados sobre eles ou por permanecerem com sua arrecadação constante. Entre 1724 e 1736 pode-se dizer que foram os anos de pico na elevação dos impostos. Neste período muitos impostos tiveram altas exageradas sendo que alguns deles baixaram de preços em determinados anos. Isso foi consequência do momento atual das minas e pressão dos administradores, tanto local quanto da capitania, na figura dos capitães gerais. Podemos tomar como exemplo o imposto sobre as lojas e vendas de secos e molhados, as quais começam pagando indistintamente onze oitavas em 1724, aumentados para trinta e duas oitavas em 1725, daí em diante diferenciadas; as lojas de secos e molhados passam para sessenta e quatro oitavas e as de secos ou molhados cinqüenta oitavas. Esta regulamentação será mudada em 1736 quando baixam os tributos e as lojas de secos e molhados, a partir daí, pagam vinte e oito oitavas enquanto que as de secos ou molhados pagam dezesseis oitavas.

Já no caso do gado vacum ou cavalari, que fôra tabelado a três oitavas por cabeça em 1726, e mais uma pataca de ouro pelo registro, será baixado em 1731 para uma oitava. Esta medida beneficia a população, os administradores e os cofres reais pois diminuindo o imposto aumenta o rebanho, pela proliferação natural ou introduzida, o que, a partir de 1736, com a abertura da estrada ligando Vila Boa, em Goiás, a Cuiabá, tornou muito mais fácil a introdução dos rebanhos. Proliferaram-se as

lojas de cortes de carne, classificadas entre as lojas de pequeno porte que pagavam, em 1936, oito oitavas anuais de impostos. A curva ascendente dos impostos na década de vinte preconiza uma das maiores altas já registradas nas minas brasileiras durante o período colonial.

A verificação desta alta nos tributos, mais a constatação de Virgílio Noya Pinto sobre a riqueza e opulência das minas goianas deduzindo que, "pelo menos entre 1735-36, as minas de Crixas e Tocantins eram as de maior rentabilidade per capita entre todas as minas brasileiras..." (9) faz-nos crer que no período anterior de 1726 a 1731 muito mais exploradas foram as populações estabelecidas na minas de Cuiabá.

CAPITAÇÃO E CENSO	GOIÁS	CUIABÁ
Cada batela	a 6,1/4-7,1/42	6
Cada ofício	8	28
Cada loja grande	60	64
Cada loja medíocre	30	50

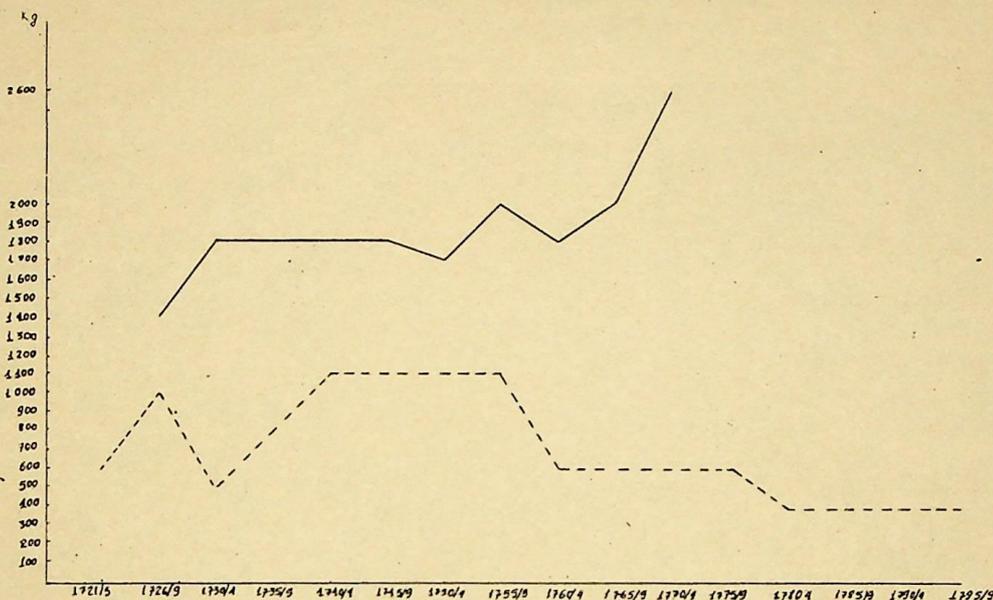
a. Respectivamente: Crixas e Tocantins.

No sentido de tentar refazer o quadro da produção aurífera matogrossense, é que começaremos pelo estudo de Virgílio Noya Pinto, uma obra recente sobre o ouro brasileiro e o comércio Anglo-Português. (10) No seu estudo, Mato Grosso não ocupa o lugar principal. Portanto, seus levantamentos não foram tão aprofundados, interessando muito mais a totalidade da produção. Contudo, o autor começa a levantar a poeira que repousa sobre a

Continua na pág. seguinte

idêia da decadência aurífera nesta região, passível na maioria dos autores que tratam do ciclo do ouro. Há alguns autores mato-grossenses que tratam do assunto, mas pelo pouco espaço que temos e por não encontrarmos ne-

nhum que trabalhe o processo passo a passo, não os inscrevemos neste artigo. Apresentamos a seguir um gráfico da produção de ouro na região.



Virgílio N. Pinto ---

Microficha 222 NDIR ---

GRÁFICO DA ARRECAÇÃO DO OURO

Neste gráfico os dados foram retirados de estimativa feita por Virgílio Nova Pinto (11), quando numa tabela organizou a produção brasileira no período do século dezoito num espaço de quatro a quatro anos. A outra fonte citada é o Mapa que demonstra o produto geral das minas de Cuiabá e Mato Grosso (12), que por trazer suas cifras em dinheiro (rês), tiveram que ser convertidas para peso (quilos), isto porque era necessário padronizar as cifras. Também os intervalos entre os anos, que no mapa se apresentam conforme a vigência dos governos, foram padronizados de quatro em quatro anos, variando conforme os outros dados apresentados por Virgílio Nova Pinto. As duas demonstram produções diferentes de um mesmo período; porém, dos nossos cálculos percebemos que a estimativa feita por Virgílio Nova Pinto se refere ao ouro quintado e não a todo o ouro corrente ao erário régio. Mais ainda, muitos cronistas escrevem como sendo ouro da coroa e produção das minas o que ia em uma monção para São Paulo, quando junto estava ouro de comerciantes e havia outra monção no ano.

Verificamos, ainda, uma decadência local, não regional. Ou seja, como os depósitos auríferos eram aluvionais, exploravam-se faixas de terras por certo espaço de tempo. Logo que sua produção diminuía começava a procura por novas lavras. Naquela onde a produção era volumosa, facilmente passaria de arraial à vilarejo. Assim há uma proliferação destes arraiais pelos arredores de uma vila já formada. Isso explica a flutuação da população na Vila do Bom Jesus de Cuiabá, que passa por um período de estagnação e regressão populacional depois do "boom" inicial, mas continuará sendo o centro das relações econômicas, sociais e políticas da região. Mesmo com a criação de Vila Bela, Cuiabá ainda figura com destaque na região, tanto que será depois a Capital de Mato Grosso.

Portanto, a idéia de decadência aurífera na região de Mato Grosso é falsa. A média é baixa e a oscilação demonstra a própria mecânica dos veios aluvionais. São outros os fatores que levaram à depauperização da economia regional. A idéia da decadência ficou porque realmente a produção brasileira estava em declínio (a produção mato-grossense é pequena em relação à do Goiás e Minas Gerais) e para a coroa tudo era devido ao

contrabando. No caso de Mato Grosso, elementos importantes influíram no processo econômico: A subida de preços, elevação da população, novo produto surge no cenário da economia colonial (algodão), inversão do capital em outras atividades, aumento dos impostos. Estes são alguns dos elementos que exoligar o nosso processo econômico, melhor que o mito da decadência.

NOTAS.

- 1 - ROHAN, Henrique de Beaupeaire - "Annaes de Mato Grosso" - RIHGSP, volume XV, pág. 47.
- 2 - CARTA RÉGIA, 1723 - Documento nº 07, Lata 1683 a 1755, APMT, (Arquivo Público de Mato Grosso).
- 3 - ROHAN, Henrique de Beaupeaire - "Annaes de Mato Grosso", pág. 47.
- 4 - CARTA RÉGIA, 1723.
- 5 - SIQUEIRA, Joaquim - "Cronicas do Cuiabá" - RIHGSP, volume IV, 1898-99, pág. 27.
- 6 - LUIS, Washington - "Capitania de São Paulo" - São Paulo, 2ª Edição, Editora Nacional, 1938, pág. 252.
- 7 - COELHO, Felipe J. Noqueira - "Memorias Cronológicas da Capitania de Mato Grosso" - RIHGB, 2ª Trimestre, 1850, pág. 142.
- 8 - SÁ, Joseph Barbosa de - "Relação das Povoações do Cuyabá e Mato Grosso de seus princípios the os presentes tempos" - Cuiabá, Edições UFMT, 1975.
- 9 - PINTO, Virgílio Noya - "O Ouro Brasileiro e o comércio Anglo-Português, SP, Brasileira, 1979.
- 10 - idem
- 11 - idem, ibidem.
- 12 - Mapa que demonstra o produto geral das minas de Cuyabá e Mato Grosso desde os seus descobrimentos até o ano de 1772 - Microficha 222, NDIR, UFMT.